

Equinócios da alma, solstícios do desejo

Apresentação

Rivais? Concorrentes? Adversárias? A crítica não especializada, como de praxe, mergulhada em más intenções, fez pairar sobre Clarice Lispector e Hilda Hilst um imaginário assaz criativo, repleto de batalhas, querelas e, por incrível que pareça, disputas amorosas. Entretanto, essas mulheres se revelaram sempre inócuas frente a uma avalanche de palavras mal(ditas) e informações desencontradas. Clarice & Hilda ou Hilda & Clarice ocupam lugares ímpares na cartografia literária brasileira. Mulheres que, ao seu modo, transformaram a palavra em substrato vivo, dinâmico, poético, capaz de erigir mundos adoecidos, paisagens cáusticas, assim como criar refúgios plácidos e quadros encantadores. Ambas abalam, conspurcam, terrificam, pervertem, aviltam, profanam o signo e, com efeito, sacralizam, acolhem, reabilitam o desejo. Dessas reflexões, resultou a proposta deste dossiê, dedicado à potência das escrituras lispectoriana e hilstiana, exploradas isoladamente ou em cotejo. Recebemos contribuições inéditas, cujas discussões homenageiam a grandiosidade de Clarice e Hilda que, em 2020, aniversariaram, e, com efeito, foram aplaudidas com inúmeras manifestações, artísticas e acadêmicas, tanto no Brasil como em nações estrangeiras.

O primeiro artigo intitulado “Deus e o Nada: a natureza criadora em Hilda Hilst e Clarice Lispector”, de Merissa Ferreira Ribeiro e Antonio Máximo Ferraz, discute, a partir dos apontamentos de Martin Heidegger acerca da *verdade*, como a figura de Deus manifesta a natureza (*physis*) em *Perdoando Deus*, de Clarice Lispector, e nos versos de *Poemas Malditos Gozosos e Devotos*, de Hilda Hilst. De acordo com os autores, o Nada, tanto em Clarice quanto em Hilda, não tem a ver com niilismo, ao contrário: diz sobre o ato criador, que só vem à luz quando se abre um espaço (vazio) capaz de recolocar a linguagem em seu silêncio.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Compartilha Igual 4.0 Internacional

DLCV – Língua, Linguística & Literatura

ISSN 1679-6101
EISSN 2237-0900

Rodrigo Cabide e Luiz Lopes, em “G.H. & D: abreviações pensantes”, comparam as obras *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, e *A obscena Senhora D*, de Hilda Hilst, a partir do conceito “literatura pensante” de Evando Nascimento. Os autores aproveitam para evidenciar mecanismos de linguagem associados às iniciais dos nomes das personagens para compreender as atmosferas moventes que engendram, além da incitação ao fluxo do pensamento, exercícios de alteridade ou outridade de si.

Em “Amor, interdito e transgressão em *Rútilo Nada*”, Francisca Yorranna da Silva e Mary Nascimento discutem uma face do amor que causa destruição, sendo que a culpa disso não está no sentimento em si, mas em ser um amor interdito pelas regras que orientam nossa sociedade e estão arraigadas em discursos fundantes como os religiosos. Deste modo, as autoras abordam a relação entre amor, interdito e transgressão a partir da leitura comparativa de *Rútilo Nada* (1993), de Hilda Hilst, e de *O erotismo* (1987), de Georges Bataille.

No quarto texto do dossiê “Um passeio no parque com Hilda Hilst: subterfúgios da escrita literária em *O caderno rosa de Lori Lamby*”, Ana Cláudia Félix Gualberto busca demonstrar como a exploração sexual infantil presente nesta obra torna-se um subterfúgio “estilístico” para denunciar a relação obscena entre mercado editorial e produção literária.

Em “O aparecimento do inseto como instante poético e reflexivo em ‘Uma esperança’, de Clarice Lispector”, Fabrício Lemos da Costa e Sílvio Augusto de Oliveira Holanda apresentam uma abordagem que considera o inseto como parte de um projeto literário dessa escritora, que vê em miúdos animais uma oportunidade de capturar a “beleza” do instante em simplicidade e subjetividade.

Keyla Macena, em “Quantas mulheres há em Clarice Lispector? Estudo sobre *Felicidade Clandestina* e *Laços de Família*”, traça um percurso aparentemente cronológico, a partir de personagens presentes em cinco contos de Clarice Lispector, sendo eles: *Felicidade Clandestina*, *Preciosidade*, *Águas do mundo*, *Amor* e *Feliz Aniversário*, a fim de entender as trajetórias femininas narradas e os papéis destinados às mulheres do século XX, a partir de em Benjamin Moser (2016), Antonio Candido (1970) e Michelle Perrot (2019).

No último texto do dossiê, “A dor da solidão: erotização do olhar em *A cidade sitiada*”, Hermano de França Rodrigues e Vanalucia Soares de Oliveira analisam a dor da solidão, vivenciada pela personagem Lucrecia Neves, da obra *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector (1998), cuja manifestação máxima é a erotização do olhar. Os autores defendem, a partir do pensamento de Klein, que os investimentos libidinais, nas zonas oculares, estão associados à inveja excessiva, à ansiedade paranoide, a um Supereu arcaico avassalador, e, por conseguinte, a um Édipo mal sucedido, já estruturado no estágio oral da fase pré-genital,

quando o Eu ainda é muito imaturo para defender-se do poder tirânico dos instintos de agressividade, inveja e ódio, fatores preponderantes nos processos de introjeção dos objetos primordiais, sobretudo, a mãe.

Assim, a partir dos textos que compõem este dossiê, torna-se evidente o quanto o legado de Clarice e Hilda “matrimoniam” nossas esperanças, nossas expectativas, nossas identidades e, em especial, nossa humana incapacidade de existir. Como Deméter, a conclamada deusa helênica da fertilidade, que dominava os ciclos da Natureza, agenciando as pragas e as benesses, nossas escritoras, com igual envergadura, regulam as estações da escrita poética. De suas penas, a vida insurge imperiosa e claudicante, seja nos perímetros largos do romance, nos recônditos (im)precisos do conto, nas vielas pedregosas da poesia, ou mesmo, na comunicação silenciosa entre e pelos gêneros, o que, de fato, causou enorme incômodo aos olhos purulentos dos ortodoxos, a quem, ambas, sempre, com zelo e labor, negligenciaram. A palavra fescenina e horrível de Hilda Hilst, ácida ao mercado editorial e aos bajuladores que nele circulavam, rasgou os trapos da hipocrisia, com os quais determinados grupos de intelectuais, equivocadamente, angariavam prestígio e reconhecimento. Na mesma proporção, a diplomacia do signo lispectoriano, numa virulência assaz compassiva, trouxe, às escâncaras, as agruras de um corpo social doentio, ruído, conservador. Pernambucana de coração, Clarice apropriou-se, como filha legítima, dos signos de nossa terra, revelando, desde cedo, seu itinerário rumo ao desconhecido da linguagem. Já Hilda, hóspede genuína do cosmopolitismo paulista, arremessou o significante nas fornalhas da “revolução”, forjando o significante-mor, com o qual endereçou aos “eleitos” as mais belas e corrosivas críticas.

É dos campos outonais de Deméter – sulcados pela sobriedade, pelo sentimento de espera, pela experiência de maturação e solidão, pelas forças telúricas de criação - que provém o alimento poético que nutre a poiésis de Lispector. Seus textos reverberam o arquétipo ancestral da *alma*, ao concentrar os ingredientes alquímicos da fantasia, do feminino, da ancestralidade germinal, responsáveis pela gestação do ser e do mundo. O gesto clariceano submete-se aos movimentos equinociais, de ordem conciliatória entre a vida e a morte. A cortesia, aqui, deveras angustiante, coloca-nos diante de uma tessitura decorrente da extinção da própria palavra, da emergência do silêncio, da presença de vazios. O reverso da alma é o *espírito* e este detém, desde eras longínquas, propriedades avassaladoras, catastróficas, inadiáveis. Eis o caso da obra de Hilda Hilst. A galhofa da *Senhora Obscena*, meticulosamente planejada, revela a face odiosa da palavra, aquela que, após engendrada e maturada, segue uma direção vertical e ascendente, capaz de cortar, escarnecer, violar. Conserva as reminiscências sombrias da deusa da agricultura que, uma vez afrontada, rebela-

se impiedosamente ante seus algozes. O solstício literário de Hilst preconiza a libertação do desejo, conclama o Outro à parceria e vocifera os abusos (im)postos pelo autoritarismo misógino e patriarcal.

Ana Cláudia Félix Gualberto (UFPB)
Hermano de França Rodrigues (UFPB)
Organizadores